

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO MUNICÍPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA BINACIONAL ITAIPU

Miriam Hermi Zaar
Universidade Federal de Santa Catarina
BRASIL

A produção e reprodução do espaço, associada ao desenvolvimento histórico de uma cidade de relações dialéticas, coloca em posição antagônica dois elementos: o trabalhador e o capitalista. E a partir desta antítese gerada nas relações sociais construídas a través do processo produtivo histórico que precisamos compreender a construção do espaço geográfico: como uma totalidade repleta de conflitos e contradições que se articulam. E neste espaço resultado da produção materializada, e apreendido dentro de um contexto onde sua produção é orientada de acordo com as leis de desenvolvimento capitalista, que precisamos discutir o papel do Estado na construção do espaço materializada, e apreendido dentro de um contexto onde a sua produção é orientada de acordo com as leis de desenvolvimento capitalista que precisamos discutir o papel do Estado na construção do espaço de uma cidade capitalista: como se dá a sua atuação e quais os mecanismos que utiliza para tanto, um Estado em sua aparência representa a vontade das classes subordinadas. E, para tanto se utiliza da ideologia. Uma ideologia que a través das instituições, transforma os projetos da elite dominante, em projetos de interesse nacional. Projetos que não ocorrem de forma isolada, mas dentro de uma política estatal preocupada em criar condições favoráveis ao desenvolvimento do processo de acumulação de capital no país. Foi o que ocorreu quando os governos do Brasil e do Paraguai decidiram, construir a maior hidrelétrica do mundo- a Binacional Itaipu. Para a efetivação do projeto, o espaço do oeste do Estado do Paraná, representando nesta investigação pelo Município de Marechal Cândido Rondon, passa a ser palco de lutas entre o Estado e os pequenos produtores agrícolas, que oriundos do sul do país, provaram a área a partir de 1976. Foi a través da compra de lote com 24, 2 hectares, onde passaram a produzir para sua subsistência que se inicia a produção social do espaço no município. Produção esta que adquiriu novas formas a medida que foi introduzido o processo de modernização das práticas agrícolas, mas que evoluiu quando o Estado se apropriou de parte deste território, para transformá-lo em quando de um grande lago. Assim como ocorre quando da construção de outras hidrelétricas, o espaço produzido neste município, é expropriado, trazendo como consequências imediatas para este pequeno agricultor a perda do único meio de trabalho – a terra-, a necessidade de migrar para áreas urbanas ou novas fronteiras agrícolas, o que leva à destruição de sua vida cotidiana.